

O professor é a prioridade

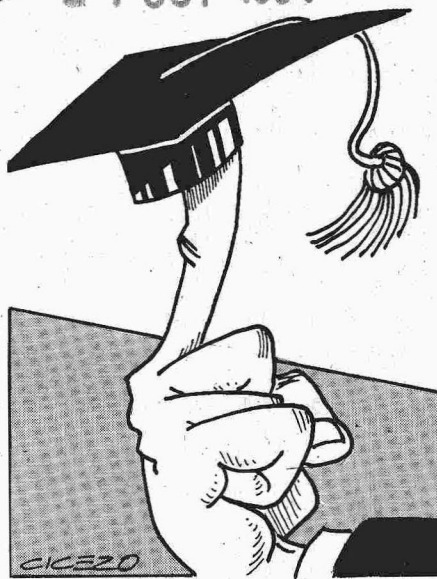
Arnaldo Niskier

Se já dispomos de uma razoável rede de correios, emissoras de rádio e televisão, telefone, fax, satélite e computadores, o que mais falta para criar um Sistema Integrado de Educação a Distância? Certamente, o que falta é vontade política.

No Seminário Nacional promovido pelo Conselho Federal de Educação, com a participação de especialistas, ficou evidenciado que a nossa população deseja mais programa de educação, ciência e tecnologia, fenômeno, aliás, característico de nações desenvolvidas, como os Estados Unidos e o Japão. Em qualquer pesquisa, mesmo em novidades como a TV a cabo e a TV por Assinatura (TVA), esses dois setores têm preferência dos usuários. Uma explicação plausível seria o desejo de utilizar elementos avançados da mídia eletrônica para enriquecimento cultural.

Na mesma linha de raciocínio, entende-se por que a capacitação do magistério tem sido a prioridade dos projetos de educação a distância. Até hoje, a Universidade Aberta da Inglaterra (mais antiga) e a de Portugal (mais recente) têm os seus principais cursos voltados para o magistério, como se fosse essa a principal vocação da metodologia revolucionária. Tais fatos parecem confirmar a previsão de Alvin Toffler: "No futuro, haverá mais opções de programas de tevê... e o telespectador estará livre da opressão das grandes redes de televisão".

Hoje, a transmissão a cabo é uma



realidade, assim como em UHF, com uma variedade muito grande de ofertas. Há 16 canais de TVA no Brasil, com uma rede invisível de oito milhões de vídeos, ensejando a escolha devida, embora haja poucas opções educativas entre nós. Acrescente-se a esses números a nossa muralha de antenas parabólicas, aproximando-se do incrível número de um milhão. São aparatos que muito bem poderiam estar servindo à educação brasileira.

Quando se sabe que o Ceteb/BSB, dirigido pela professora Rosa Pessina, realiza esforços há mais de 20 anos e treina funcionários do porte de uma Petrobrás, há razões para otimismo do

que convenciamos chamar de educação a distância. O Ceteb é a comprovação de que temos competência para operar na área, como faz igualmente a Universidade de Brasília, conforme disse, no mencionado seminário nacional, o seu atual reitor, Antônio Ibanez, e também a ABT, hoje dirigida pelo especialista Roberto Salvador.

Mesmo tendo ocorrido a satelitização do nosso País, ela não serviu, de modo expressivo, à educação brasileira. Mas, pode-se inferir uma série de prioridades para o ensino a distância, como declarou a professora Rosa Pessina: a) capacitação de professores leigos de ensino fundamental; b) complementação da escolaridade primária (para maiores de 15 anos); c) escola de ensino fundamental para o trabalhador; d) capacitação para o trabalho; e) preparação para o exercício da cidadania (jovens e adultos); f) enriquecimento cultural; g) orientação da vida familiar; e h) programas de saúde.

Se a educação a distância é uma realidade na França (340 mil alunos servidos por cem mil professores), na Inglaterra, na China, na União Soviética, na Espanha, na Bolívia, na Costa Rica, na Venezuela e em outras nações, quando virá a vontade política que permita, no Brasil, o início efetivo desse experimento pedagógico, hoje considerado de primeira categoria?

■ **Arnaldo Niskier, da Academia Brasileira de Letras, é membro do Conselho Federal de Educação**